



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

COMO O “HIBRIDISMO CULTURAL” PODE SE TORNAR UM ALIADO AO COMBATE A DESINFORMAÇÃO E AO COLONIALISMO DE DADOS?¹

Tamara Hashimoto Natale de Moraes²

Egle Muller Spinelli³

¹ Trabalho apresentado no GT2 - “Estratégias de comunicação em ambientes digitais” do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

² Doutoranda (Bolsista CNPq), Escola Superior de Propaganda e Marketing, tamara.natale@acad.espm.br.

³ PhD, Escola Superior de Propaganda e Marketing, egle.spinelli@espm.br.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Resumo

Este artigo se propõe a examinar o papel do “hibridismo cultural” no combate à desinformação e ao colonialismo de dados no ambiente das plataformas digitais. A partir das lentes teóricas dos pesquisadores Néstor Canclini (1998) e Coudry e Mejias (2019) discute-se como o hibridismo cultural pode ser um aliado, ajudando a fortalecer o processo da democracia digital, tornando-o mais resiliente e bem estruturado para combater os desafios da exploração de dados em larga escala e da desinformação a partir de competências de literacia digital e midiática.

Palavras-chave: hibridismo cultural, desinformação, colonialismo de dados, democracia digital, literacia digital.

Introdução

Em um mundo cada vez mais globalizado e digitalizado, o conceito de hibridismo cultural ganha novos contornos e implicações, especialmente no que tange às dinâmicas de poder e informação nas redes sociais. Originário dos estudos culturais, o hibridismo cultural refere-se à mistura e interação de culturas que produzem novas identidades e práticas. Néstor Canclini (1998), pesquisador do tema, conceitua o hibridismo como uma estratégia para entender e explicar as complexas interações culturais na modernidade. Este fenômeno não apenas preserva elementos das culturas originais, mas também gera novas formas culturais que refletem a complexidade das sociedades contemporâneas e suas múltiplas ferramentas.

A ascensão das plataformas digitais intensifica as dinâmicas de comunicação e altera a forma como nos relacionamos, pois permite a rápida disseminação de conteúdo e a formação de comunidades diversas. Esse processo apresenta desafios significativos, como a disseminação de desinformação e a manipulação de narrativas, que podem criar interpretações errôneas, distorcer processos democráticos e ampliar divisões sociais. As redes

sociais, ao democratizar a produção de conteúdo, promovem a descentralização da informação, ao mesmo tempo, que facilitam a circulação de informações falsas ou enganosas, gerando riscos significativos para a coesão social e a integridade informativa.

Este artigo explora o papel do hibridismo cultural dentro da chamada "democracia digital", um paradigma que reconhece o potencial das redes sociais como espaços de participação e engajamento cívico, mas que também exige uma análise crítica das formas como a cultura digital pode tanto enriquecer quanto comprometer a qualidade do discurso democrático. Castells (1999) argumenta que a sociedade em rede é uma nova estrutura social que emerge no contexto da globalização. Segundo o autor, esta sociedade se manifesta de várias formas devido à diversidade cultural, sendo moldada pela reestruturação do capitalismo. Ela se organiza em redes ativadas por tecnologias de informação e comunicação, formando redes globais, nacionais e locais em um espaço de interação social multidimensional, contemplando a complexidade das relações humanas e as suas múltiplas formas de influência e mediação.

Dentro do contexto digital, o colonialismo de dados tem sido um ponto que demanda bastante atenção. Por meio do que chamamos de "relações de dados" (novos tipos de relações humanas que possibilitam a extração de dados para a comercialização), a vida social em todo o mundo se torna um recurso "aberto" para extração que de alguma forma está "simplesmente lá" para o capital (COULDRY e MEJIAS, 2019, p. 337). Neste novo contexto, é preciso pensar como essas relações acontecem e como podemos ter uma sociedade cada vez mais bem preparada para entender os desafios da vida em rede. A formação de competências digitais e o letramento digital são processos nos quais o indivíduo se torna apto a localizar, compreender, avaliar e aplicar informações em diversas formas e redes para resolver problemas pessoais, profissionais, comunitários, regionais, sociais ou até globais (MILENKOVA, 2021).

O objetivo deste estudo é analisar como o hibridismo cultural pode contribuir para



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

combater a desinformação e o colonialismo de dados, promovendo uma democracia digital mais inclusiva e resiliente. A pesquisa busca compreender de que forma a diversidade cultural e o uso consciente das tecnologias de informação podem ser aliados na construção de um ambiente digital mais justo, onde todos tenham voz e as informações sejam mais confiáveis e acessíveis.

Utilizaremos como metodologia, uma pesquisa bibliográfica para entender as relações descritas acima. Essas relações serão apresentadas em blocos: o primeiro, "Hibridismo cultural e a democracia digital," abordará como a interseção de diferentes culturas no ambiente digital pode promover práticas democráticas mais inclusivas. O segundo bloco, "O colonialismo de dados e a potencialização da desinformação nas redes," discutirá como a concentração de dados em mãos de poucos atores pode intensificar a desinformação, prejudicando a qualidade da informação e o acesso igualitário ao conhecimento. O terceiro bloco abrangerá o tema "Literacia digital e midiática como ferramentas de combate a desinformação", trazendo uma reflexão sobre a importância das literacias digital e midiática, como ferramentas importantes para combater a desinformação e para fortalecer a cidadania global. E por fim, o bloco, "Considerações Finais," apresentará as principais inferências obtidas ao longo do estudo, destacando os pontos críticos e as possíveis soluções para os desafios identificados.

Hibridismo cultural e a democracia digital

O "hibridismo cultural" pode ser visto como uma mescla de diferentes sistemas culturais, a fusão de elementos culturais distintos que resultam em novas "formas culturais". Para Canclini (1998), o conceito de hibridação tenta "entender e explicar as misturas feitas a partir de várias culturas e que, quando consolidadas, criam formatos e/ou processos. O pesquisador entende que o termo não apresenta a perda das "identidades culturais", mas que cria "novas identidades complexas" elaboradas a partir da fusão de múltiplos elementos de



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

culturas diversas.

Analisando o contexto moderno/digital, Canclini reforça que “a mídia se transformou, até certo ponto, na grande mediadora e mediatizadora e, portanto, substituta de outras interações coletivas” (CANCLINI, 1998, p. 89), tendo assim um impacto relevante na potencialização do hibridismo cultural.

Ao longo do tempo, os mecanismos de “hibridismo cultural” evoluíram e passaram a ser contemplados também nas dinâmicas digitais, onde as culturas se mesclam por meio de interações mediadas pela tecnologia (CANCLINI, 1998). Com o crescimento expressivo da utilização das plataformas digitais e por consequência da circulação da desinformação nas redes sociais, é preciso fazer uma análise um pouco mais profunda nos impactos que as relações culturais podem ter ao permearem esses fluxos de troca de informações.

Os processos de comunicação em redes sociais atuam de forma diferente do que nas mídias tradicionais. Com esse movimento constante de novas ferramentas e formatos que são criados é crucial que surja um novo formato de democracia, que considere as redes sociais e sua mediação. Estabelecer uma “democracia digital” que seja descentralizada, dispersa e profundamente diversa é fundamental. Essas forças tendem a surgir primeiro em formas culturais – um senso de comunidade diferente, uma sensação maior de participação, menos dependência de *expertise* oficial e maior confiança na solução coletiva de problemas (JENKINS, 2015, p. 310). Porém, dentro desse processo de “democracia digital”, surgem dois pontos de atenção: o primeiro é o maior risco de circulação de desinformação e manipulação — ao passo que a descentralização promovida nas redes sociais pode impulsionar a diversidade e a inclusão, na mesma medida, facilita a disseminação de desinformação, minando a confiança de múltiplos atores, como o poder público, ONGs, sociedade civil etc., e, desta forma, distorcendo o processo democrático “tradicional”. A desinformação pode criar divisões sociais e aumentar tensões, dificultando a formação de consensos.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

O segundo ponto é a desigualdade de acesso e a necessidade de alfabetização digital e midiática. A efetividade de uma “democracia digital” depende do acesso equitativo às tecnologias digitais e de processos de literacia digital e midiática para a população. Desigualdades no acesso à internet e as informações que circulam podem excluir um grande número de pessoas do processo democrático, intensificando desigualdades e limitando a participação consciente e cidadã.

A alfabetização para a mídia educa e forma repertório para o uso intencional e crítico dos meios de comunicação e fornece competências e habilidades para entender o funcionamento da mídia em um mundo intensamente mediado, permitindo a atuação cidadã de forma consciente e responsável. O consumo midiático não afeta apenas a maneira como as pessoas se expressam a partir dos processos comunicacionais, mas também como são sensibilizadas pela produção e uso midiático ao compreender e monitorar como as mídias funcionam, como se comunicam e como representam a vida cotidiana (Spinelli, 2021, p. 140).

É preciso um esforço sistemático para garantir que todos os cidadãos tenham as ferramentas e conhecimentos necessários para participar plenamente da sociedade e de suas plataformas de relacionamento. O engajamento cívico é resultante não apenas da habilidade técnica para as mídias, mas de comportamentos relacionados à compreensão dos processos de consumo e mediação dos meios que impulsionam atitudes socioculturais (HOBBS et al., 2013).

A influência do hibridismo cultural na formação de uma democracia digital mais inclusiva e justa torna-se evidente que este fenômeno possui um potencial significativo para moldar sociedades mais resilientes e informadas. O hibridismo cultural, ao promover a fusão e interação de diversas culturas por meio das mídias digitais, não apenas enriquece a sociedade, mas também fortalece as defesas contra a desinformação e o colonialismo de dados. Contudo, para que este potencial seja plenamente alcançado, é essencial que políticas e práticas de inclusão digital sejam implementadas de maneira eficaz, garantindo acesso equitativo às tecnologias e fomentando processos de literacia digital e midiática que capacitem todos os cidadãos a participarem ativamente na vida democrática. Assim, o



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

hibridismo cultural pode ser um aliado vital na construção de uma democracia digital que não apenas resista às adversidades, mas que prospere, refletindo a rica diversidade de suas vozes e ideias.

O colonialismo de dados e a potencialização da desinformação nas redes

No Brasil, segundo Nemer (2021), após a pandemia de Covid-19 e as eleições de 2018, notou-se um aumento na geração, circulação e no compartilhamento de desinformação. Podemos entender a desinformação como “informações falsas com a intenção de enganar”. A desinformação é criada deliberadamente e espalhada como verdade para influenciar a opinião pública, obscurecer a verdade e obter uma reação que beneficie seu criador. A desinformação é frequentemente confundida com *fake news*. *Fake news* é um termo abrangente que cobre uma variedade de falsidades ou mentiras, incluindo desinformação e informação errada (NEMER, 2021, p. 344).

Em um país como o Brasil, que possui dimensões continentais e uma enorme diversidade cultural, os aspectos culturais se tornam elementos fundamentais na análise da compreensão e circulação de informações e desinformações. Essa diversidade cultural, que abrange diferenças regionais, linguísticas, sociais e educacionais, influencia diretamente como as informações são interpretadas e disseminadas pela população. As práticas culturais e os contextos locais moldam a forma como as mensagens são codificadas e decodificadas, levando a variações significativas na interpretação dos conteúdos.

Por exemplo, uma notícia ou campanha informativa pode ser compreendida de maneiras completamente diferentes em regiões distintas, dependendo de fatores como o nível de escolaridade, o acesso à tecnologia, as tradições locais e a confiança nas fontes de informação. Além disso, em um ambiente marcado por desigualdades de acesso à internet e a diferentes mídias, as desinformações encontram espaço para se propagar, especialmente quando exploram narrativas que ressoam com crenças e valores culturais específicos. Assim,



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

entender o papel dos aspectos culturais é essencial para desenvolver estratégias eficazes de comunicação que considerem as particularidades regionais e promovam uma circulação de informações mais precisas e contextualizadas no Brasil.

Diferentes aspectos são observados nos brasileiros ao consumirem informações. Diferentemente de outros países, boa parte dos brasileiros se comunica via *WhatsApp*. Um exemplo já citado, mas, que ilustra bem o hábito de consumo de informações, é o processo de compartilhamento de desinformações via *WhatsApp* detectado nas eleições Presidenciais brasileiras de 2018.

Embora inúmeros dados tenham se espalhado no Brasil, por todas as formas de mídia social, o impacto do *WhatsApp* foi o mais notável nas eleições de 2018. Devido à popularidade do aplicativo no país, cerca de 44% do eleitorado de um único candidato usou o *WhatsApp* para obter informações políticas, de acordo com o instituto de pesquisa Datafolha. O design simples do *WhatsApp* permitiu que os usuários compartilhassem facilmente textos, áudios, imagens e vídeos, facilitando a disseminação de informações enganosas e falsas, diferentemente de eventos como o Brexit e a eleições Americanas de 2016 em que o candidato Donald Trump foi eleito e que notadamente contaram como *Facebook* e o X (antigo Twitter) como principais plataformas de compartilhamento de informação (Nemer, 2023).

As plataformas digitais, que atualmente são os principais veículos das interações socioculturais, facilitam a rápida disseminação da desinformação. A criação, circulação e disseminação da desinformação são adaptadas para ressoar com diferentes grupos culturais, aproveitando-se de suas particularidades e vulnerabilidades e neste movimento ganham o potencial de desencadear novas formas e estruturas culturais. Por exemplo, narrativas falsas sobre saúde podem ser moldadas para se adequar a crenças culturais específicas, tornando a desinformação mais ativa e prejudicial, além de promover soluções ineficazes.

As novas tecnologias não só promovem a criatividade e a inovação. Também reproduzem suas estruturas conhecidas. Os três usos mais frequentes do vídeo – consumo de filmes comerciais, espetáculos pornô e a gravação de acontecimento familiares – repetem práticas audiovisuais iniciadas pela fotografia e pelo super 8. Por outro lado, a vídeo arte ... reafirma a diferença e o hermetismo de um modo semelhante ao das galerias artísticas e dos cineclubes. A coexistência desses usos contraditórios revela que as interações das novas tecnologias com a cultura anterior as torna parte de um processo muito maior do que aquele que elas

desencadearam ou manejam (Canclini, 1998, p. 309).

As fronteiras culturais rompidas ou criadas pelas interações vividas nas redes sociais, criam um ambiente onde a distinção entre informações verdadeiras e falsas se torna mais difícil, ainda mais se a estruturação do conteúdo for pautada em aspectos culturais relevantes a ponto de convencerem o público de que são informações autênticas. Assim, hibridismo cultural precisa ser ponderado em duas óticas: culturas híbridas, dinâmicas e adaptáveis, podem ajudar a construir resistências locais contra narrativas falsas ao mesmo tempo que a avalanche de dados e mecanismos de desinformações são usados para manipular identidades culturais, crenças e criar divisões, aumentando as tensões sociais.

Muitas vezes, somos informados que os dados são o novo petróleo. Mas, ao contrário do petróleo, os dados não são uma substância encontrada na natureza. Eles precisam ser apropriados. A captura e o processamento de dados sociais ocorrem por meio de um processo que chamamos de relações de dados, que garante a conversão 'natural' da vida cotidiana em um fluxo de dados. O resultado é nada menos do que uma nova ordem social, baseada no rastreamento contínuo, oferecendo oportunidades inéditas para discriminação social e influência comportamental (Couldry, 2018, p. 336).

Compreender o conceito de colonialismo de dados nos faz ter conhecimento sobre como as plataformas funcionam e quais mecanismos estamos suscetíveis no sentido da criação, divulgação e disseminação de informações (sejam elas verdadeiras ou não).

Segundo Couldry e Mejias (2019), o “colonialismo de dados” refere-se a uma nova forma de colonialismo típica do século XXI, que combina as ações extrativas do colonialismo histórico com os métodos de extração de dados por meio do desenvolvimento tecnológico. O colonialismo de dados implica na conexão sistemática de dados de todos os tipos, processando-os e gerando um insumo valioso que pode ser utilizado para fins lucrativos ou como mecanismo de controle. Esse processo está sendo um dos responsáveis por um novo formato de capitalismo impulsionado pelos dados. A utilização dos objetos técnicos digitais, cada vez mais baseados em dados e em um mundo cujas promessas de igualdade parecem sufocadas por uma grande concentração de atenções, de poder econômico e político, que



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

alimentam o ordenamento neoliberal e suas gigantescas plataformas (AMADEU et al., 2021). Plataformas essas que são os principais atores no colonialismo de dados e podem ser coletivamente chamados de setor de quantificação social, são corporações envolvidas na captura de dados sociais cotidianos e na tradução destes em dados quantificáveis que são analisados e usados para a geração de lucro (COULDRY e MEJIAS, 2019, p. 340).

A relação entre cultura híbrida e desinformação é multifacetada, mas torna-se especialmente complexa quando entendemos os mecanismos do colonialismo de dados e seus impactos no consumo de informações. Para Couldry e Mejias (2019), as plataformas digitais são a forma como atualmente se produz o novo “social” para o capital, ou seja, ações e práticas sociais podem ser rastreadas, capturadas, classificadas e contadas como valor, sob a forma de “dados”. Neste sentido, os diferentes aspectos culturais dos dados gerados e utilizados estão em constante processo de monetização.

O enorme poder das plataformas de afetar o que aprendemos, como nos sentimos e decidimos (O'NEIL, 2021, p. 207) interfere em decisões diárias sem o cidadão/usuário ter agência, entendimento ou domínio sobre esse processo. No contexto digital, as fronteiras e intersecções entre diferentes culturas se tornam mais fluidas e permeáveis, criando um ambiente ambíguo onde a distinção entre informações verdadeiras e falsas se torna mais complexa. A desinformação pode esconder-se nas nuances culturais, explorando diferenças e semelhanças culturais para parecer autêntica e ganhar aceitação. Essa ambiguidade é exacerbada pelo colonialismo de dados, que coleta e processa informações em escala massiva, muitas vezes sem considerar as especificidades culturais ou quando consideram, utilizam este artefato para manipular ou obter benefícios monetários ou políticos.

Memes, vídeos virais e postagens nas redes sociais possuem a capacidade de atravessar fronteiras culturais com enorme rapidez, propagando informações e desinformações que podem incluir discursos de ódio, reforçar estereótipos negativos ou até mesmo deslegitimar determinadas culturas. Em um ambiente híbrido e digital, onde as



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

identidades estão em constante construção e renegociação, essas manipulações de informações podem ser particularmente prejudiciais. A desinformação, ao explorar rupturas culturais e identitárias, tem o potencial de criar divisões e acirrar conflitos, exacerbando tensões sociais já existentes. Esses conteúdos, ao apelarem para emoções e crenças pré-existentes, podem servir como ferramentas poderosas para manipular a opinião pública, criando fissuras na sociedade. Ao mesmo tempo, no entanto, as redes sociais e a viralização de conteúdos também oferecem uma plataforma para novas vozes e expressões culturais emergirem. Grupos marginalizados, por exemplo, podem utilizar esses meios para desafiar estereótipos, promover narrativas alternativas e reforçar identidades culturais que são frequentemente silenciadas nos meios de comunicação tradicionais. Assim, enquanto a desinformação nas redes pode ser uma força divisiva, ela também tem o potencial de fortalecer comunidades e criar novas formas de solidariedade e resistência cultural.

A dispersão das informações nas redes sociais pode ser entendida através do conceito de “câmaras de eco”, que se referem a bolhas de informação personalizadas, supostamente incentivadoras da fragmentação social e polarização, ressoando apenas com opiniões pré-formadas e coerentes (BALBI et al., 2021, p. 6). O metadados como traços do comportamento humano e das plataformas como facilitadoras neutras parece estar diretamente em conflito com as bem conhecidas práticas de filtragem e manipulação algorítmica de dados por razões comerciais ou outras. A datificação e a mineração da vida se apoiam em pressupostos ideológicos, que são, por sua vez, enraizados em normas sociais dominantes (DIJCK, 2017). Nesse mecanismo, os indivíduos são expostos apenas a informações e opiniões que reforçam suas crenças existentes e padrões culturais, conteúdos esses impulsionados e visando a monetização. Isso pode polarizar ainda mais a sociedade, dificultando o diálogo aberto e a compreensão mútua. A confiança excessiva na solução coletiva de problemas pode ser problemática se as comunidades se isolarem em seus próprios mundos informacionais e culturais, tornando difícil alcançar um entendimento compartilhado.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

A desinformação utiliza a mescla cultural para se disseminar de maneira eficaz e prejudicial, adaptando suas narrativas falsas às particularidades culturais de cada grupo ou região. Ao explorar crenças, valores e vulnerabilidades específicas, a desinformação consegue ganhar aceitação e legitimidade, permeando com facilidade em contextos sociais diversos. No Brasil, esse fenômeno é especialmente crítico devido à enorme diversidade cultural e à vasta dimensão geográfica do país, que criam um cenário complexo e multifacetado para o consumo e a circulação de informações. A presença de múltiplas culturas facilita o uso estratégico de desinformação para reforçar preconceitos e perpetuar estereótipos, muitas vezes utilizando elementos culturais locais para conferir uma aparência de autenticidade e credibilidade às informações falsas. Essa estratégia torna a desinformação não apenas mais persuasiva, mas também mais difícil de combater, pois se alinha com as narrativas e expectativas já presentes na sociedade, criando divisões internas que dificultam a construção de consensos e o combate efetivo à propagação de desinformações.

Ao entendermos os mecanismos das plataformas e a sistematização do colonialismo de dados e seus impactos, entendemos que há espaço e potência para que o hibridismo cultural seja utilizado como mecanismo de inovação cultural, inclusão social e promoção da participação democrática. As redes sociais, ao atuarem como mediadoras culturais, desempenham um papel crucial na potencialização desse hibridismo, facilitando a interação e a troca e o fortalecimento cultural. Assim, o hibridismo cultural pode ser visto como uma resposta a sistematização das plataformas, pois ao incorporar e ressignificar múltiplas influências culturais, ele promove uma diversidade que desafia as hegemonias de dados e poder.

Literacia digital e midiática como ferramentas de combate a desinformação

As literacias digital e midiática emergem como recursos vitais neste contexto, capacitando indivíduos e comunidades a navegarem, questionarem e utilizarem

conscientemente as tecnologias digitais e a entenderem o consumo de informações de forma positiva, construtiva e responsável. Segundo Ferin (2022), as literacias são ferramentas fundamentais para a compreensão e ação individual e coletiva em um mundo cada vez mais complexo, onde as tecnologias de informação e comunicação têm uma importância central.

Como literacia digital podemos entender as práticas sociais de leitura e produção de textos, dados e imagens em ambientes digitais, isto é, em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras (COSCARRELLI; RIBEIRO, 2015). Para Martin e Ashworth (2004), a literacia digital refere-se aos conhecimentos, aptidões, compreensões e abordagens reflexivas necessárias para que um indivíduo opere confortavelmente em ambientes ricos em informação e com recurso ligados à tecnologia da informação.

Já como literacia midiática entendemos como a capacidade de acessar, analisar, avaliar e comunicar mensagens em uma variedade de formas (AUFDERHEIDE, 1993). O principal objetivo do processo de literacia midiática é melhorar a vida das pessoas de alguma forma, geralmente dando a elas mais controle sobre como as mensagens da mídia irão afetá-las (ANDERSON 1983; BUCKINGHAM 1993A; HOBBS 1996; LEWIS E JHALLY 1998).

As competências adquiridas nos processos de desenvolvimento destas literacias podem equipar os cidadãos com habilidades de raciocínio crítico, permitindo que eles demandem serviços e conteúdo de alta qualidade das mídias e de outros provedores de informação. Os algoritmos tendem a potencializar a polarização e os ataques à democracia (FERIN, 2022, p. 186) e cidadãos com competências críticas desenvolvidas são capazes de fomentar um ambiente propício em que as mídias e outros provedores de informação possam prestar serviços transparentes e de qualidade (WILSON et al., 2013, p. 16) ao mesmo tempo que podem cobrar, das grandes plataformas, por responsabilidade e legitimidade nos processos. Isso não só fortalece a autonomia dos usuários em face das estruturas de poder de dados, mas também fomenta uma cultura de dados mais transparente e equitativa. Pensar a



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

cidadania global requer competências que permitam ler não só a complexidade dos fenômenos, mas, também, desconstruir estados e manipulações da emoção, que tendem a impor um pensamento dominante (FERIN, 2022, p. 187).

No atual ecossistema digital, em que há a circulação incessante de informações e dados e a produção de conteúdo de forma massiva e a partir de vários repertórios (a partir de “novas identidades complexas” formadas pelo hibridismo cultural presente em todas as camadas da sociedade) - as literacias se tornam fundamentais para o combate ao colonialismo de dados e da circulação e consumo de desinformação. O processo de convergência digital multimídia foi deixado quase inteiramente nas mãos das megaempresas, sem aproveitar as oportunidades para horizontalizar a comunicação, estender a distribuição dos bens culturais e propiciar a participação cidadã nas decisões públicas (CANCLINI, 2021, p. 18). Assim, para que haja o exercício de cidadania global, é essencial compreender e atuar de forma consciente e ética, usando a tecnologia de maneira segura e responsável e as literacias são os aliados neste processo formando uma rede de pessoas com competências críticas para ocupar os espaços e fomentar diálogos construtivos nas redes digitais.

Considerações finais

Em resposta à pergunta "Como o hibridismo cultural pode se tornar uma ferramenta de combate à desinformação e ao colonialismo de dados?", podemos concluir que o hibridismo cultural possui um potencial significativo para atuar como uma barreira contra a desinformação e as práticas de colonialismo de dados. No entanto, é necessário adotar estratégias específicas que promovam a conscientização crítica e a alfabetização midiática e digital.

O hibridismo cultural, ao facilitar a criação de espaços de diálogo e entendimento mútuo e a criação de novas identidades, pode contribuir para a formação de comunidades mais resilientes, diversas e capazes de identificar e combater narrativas de desinformação.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Essas comunidades, ao serem expostas a uma multiplicidade de perspectivas e práticas culturais, desenvolvem uma capacidade crítica avançada, ponto fundamental para a construção do pensamento crítico e para a verificação e validação de informações.

As literacias midiática e digital emergem como pontos cruciais nesse processo. Capacitar os indivíduos a compreenderem, analisarem e questionarem as informações que consomem é vital para combater a disseminação de desinformação. Programas educacionais focados em literacia digital e midiática podem equipar as comunidades com as ferramentas necessárias para navegar no complexo ecossistema informacional, promovendo uma cultura de verificação de fatos e de pensamento crítico.

Além disso, é essencial reconhecer e abordar os impactos do colonialismo de dados. A coleta massiva e a exploração de dados pessoais, frequentemente sem considerar as especificidades culturais, exacerbam a manipulação e o controle informacional. Desenvolver políticas de proteção de dados que respeitem a diversidade cultural e promovam a transparência e a ética na coleta e utilização de dados é fundamental para mitigar esses impactos.

Assim, o hibridismo cultural pode se tornar uma poderosa ferramenta de combate à desinformação e ao colonialismo de dados, principalmente se aliado a boas práticas como processos de literacia midiática e digital e a proteção e transparência de dados. Este caminho, embora desafiador, oferece uma oportunidade para construir um ambiente digital mais justo, democrático e resiliente, onde a diversidade cultural e a veracidade da informação são valorizadas e protegidas.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Referências:

AMADEU, Sérgio Amadeu; SOUZA, Joyce; CASSIN, João Francisco. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Edições Autonomia Literária, 2021.

ANDERSON, James A. **Television Literacy and the Critical Viewer**. In: BRYANT, Jennings; ANDERSON, David R. (Ed.). *Children's Understanding of Television: Research on Attention and Comprehension*. New York: Academic Press, 1983. p. 297-327.

AUFDERHEIDE, Patricia (ed.). **Media Literacy: A Report of the National Leadership Conference on Media Literacy**. Aspen, CO: Aspen Institute, 1993.

BALBI, Giancarlo; SMITH, John; ROGERS, Mary. **The Impact of Social Media on Public Opinion**. New York: Media Studies Press, 2021. p. 6.

BUCKINGHAM, David. **Children Talking Television: The Making of Television Literacy**. Washington, DC: The Falmer Press, 1993.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Cidadãos substituídos por algoritmos**. Editora EdUSP, 2021.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSCARELLI, C. V. RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. **The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism**. Stanford: Stanford University Press, 2019.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises Ali. Resistance to the new data colonialism must start now. **Al Jazeera**, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2020/4/28/resistance-to-the-new-data-colonialism-must-start-now>. Acesso em: 26/05/2024.

DIJCK, J. **Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social**. *Matrizes*, v. 11, n. 1, p. 39-59, 2017.

FERIN, Isabel Ribeiro. **Literacias para a cidadania global**. *Comunicação & Educação*, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/200305>. Acesso em: 01 de jun. 2024.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

HOBBS, Renee. **Media Literacy, Media Activism**. Telemidium, The Journal of Media Literacy, 1996.

HOBBS, Renee; JENSEN, Amy; RUSHKOFF, Douglas. **Media Literacy in the Digital Age: Critical Perspectives**. Boston: Media Literacy Institute, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEWIS, Justin; JHALLY, Sut. **The Struggle over Media Literacy**. Journal of Communication, v. 48, p. 109-120, 1998.

MARTIN, F.; ASHWORTH, P. The digital literacies of secondary school students: Implications for teaching and learning. **Journal of Computer Assisted Learning**, v. 20, n. 4, 342-355, 2004.

MILENKOVA, V.; LENDZHOVA, V. **Digital Citizenship and Digital Literacy in the Conditions of Social Crisis**. Computers, v. 10, n. 4, p. 40, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/computers10040040>. Acesso em: 20/05/2024.

NEMER, David. **Tecnologia e participação política nas favelas brasileiras**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas. Versão Ebook/Kindle, 2018.

NEMER, David. The Human Infrastructure of Fake News in Brazil. 06/2021. **Social Science Research Council**. Disponível em: <https://bit.ly/3V14IV3>. Acesso em: 26/05/2024.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia**. São Paulo. Editora Rua do Sabão, 2021.

SPINELLI, E. M. **Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 44, p. 127-143, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-58442021307>. Acesso em: 26/05/2024.